

EDITORIAL

Cruzando fronteiras – RELEG

Alex Dias de Jesus

Instituto Federal do Piauí – IFPI. Campus São Raimundo Nonato- Piauí- Brasil

Estamos vivenciando uma multiplicação de fronteiras. As rápidas transformações pelas quais o mundo tem passado, trazem à tona as muitas rupturas e fragmentações que o caracterizam atualmente. Comumente, os discursos políticos e econômicos apontam que estamos experimentando um período de crescente conexão e integração e que os fluxos de pessoas, capitais, mercadorias e informações atestam a fluidez do período atual. Como falar em fragmentação diante de um mundo tão “conectado”? Eis aí um grande paradoxo!

A origem da palavra fronteira, *front*, remete àquilo que está à frente, em contato com aqueles que não são constitutivos do nós. A fronteira, nesse sentido, é a área de encontro com o inimigo. Ir até a fronteira significa, nessa concepção, ir até o desconhecido, o perigoso, o estranho. Na fronteira moram imaginários diversos sobre o que pode estar lá, do outro lado.

Se considerarmos apenas as fronteiras entre Estados nacionais, temos elementos mais do que suficientes para confirmar o argumento de que as fronteiras estão se multiplicando. Em 1945, contavam-se 51 estados independentes no mundo, contra mais de 200 atualmente. As diferenças étnicas, políticas e econômicas provocaram, e ainda provocam, grandes rupturas que podem ser materializadas nas fronteiras.

Entretanto, as fronteiras não se limitam aos Estados nacionais, elas ultrapassam e desdobram-se em elementos de separação identitária presentes entre grupos sociais e até mesmo no plano individual. Ou seja, as fronteiras são relacionais e existem no contato com o outro, com a diferença. Por esse motivo, manifestam-se em escalas supranacionais do jogo político internacional, mas também nas relações cotidianas entre as pessoas na rua, no trabalho, na igreja, enfim, no viver.

Se as fronteiras dos Estados nacionais podem se mover, muito mais móveis são as fronteiras demarcadoras das diferenças políticas, econômicas, étnicas, dentre outras. Muitas vezes, nos limites nacionais, as diferenças são fortalecidas, demonstrando o que separa o eu do outro, o nós do eles.

Apesar disso, em muitos lugares, muitas pessoas, com suas múltiplas trajetórias têm implementado um corajoso atravessamento de fronteiras. Não apenas os fluxos migratórios são prova disso, mas também o enfrentamento do machismo, do racismo, da homofobia e tantas outras lutas têm questionado as linhas de separação e de segregação. Apesar disso, as fronteiras são remarcadas, recriadas e reforçadas e exigem de nós um permanente atravessar.

Na América Latina, como em todo lugar no mundo, muitas fronteiras existem e são reforçadas cotidianamente. O sistema moderno-colonial criou e enrijeceu fronteiras entre o colonizador e o colonizado, entre os dominantes e os subalternos, entre ciência e saberes tradicionais. Estas separações ampliaram as distâncias, segregaram e hierarquizaram. À nós, coube o papel de margem, de periferia, do outro.

Todavia, as fronteiras são zonas de contato e pressupõem a existência do diferente. Elas possuem, no mínimo, dois lados, cada um com seus elementos que identificam as diferenças. A fronteira que separa, segrega e exclui, também pode conectar e unir os diferentes. Ao atravessarmos as fronteiras, abrimos a possibilidade de aproximação, de

escuta e de reavaliação do outro e de nós mesmos. É nesse sentido que esta edição da Revista Latinoamericana de Estudantes de Geografia convida a todas e todos para se aproximarem e cruzarem as fronteiras. Avante!